



### 3.28 • Metamorfoses da violência

## A metamorfose da violência na América Latina e Caraíbas

Nancy Gomes

QUANDO FALAMOS DE CONFLITUALIDADE ou de violência armada na América Latina e Caraíbas devemos considerar, para além das causas exógenas, obedecendo aos interesses dos agentes externos de todo o tipo, razões de natureza endógena, associadas às distintas dinâmicas histórico-cultural, político-ideológica, e económico-social, próprias da região, e de cada um dos países que dela formam parte.

### Intervencionismo e boa vizinhança

O intervencionismo caracteriza a política dos EUA para a América Latina desde os tempos de James Monroe. No século XX, com a subida ao poder do “idealista” Woodrow Wilson, em 1912, as expectativas de mudança desta política, contudo, não são alcançadas. Em 1915, a raiz dos graves distúrbios causados pelas forças contrárias ao governo, os *marines* norte-americanos intervêm no Haiti, permanecendo naquele território durante dezoto anos. Em 1916, os EUA intervêm na República Dominicana e ali permanecem durante oito anos. Mais a norte, em 1914, ainda no contexto da Revolução Mexicana, os EUA intervêm militarmente no país vizinho, logo após o assassinato de catorze soldados norte-americanos, na zona fronteira de Tampico. A 10 de Abril de 1919 é assassinado Emiliano Zapata, líder da resistência às políticas implementadas pelos distintos governos mexicanos a favor dos interesses dos terratenentes e do capital estrangeiro. Ao mesmo tempo, Pancho Villa é obrigado a abandonar a luta que, junto com o seu companheiro Zapata, iniciaram em 1910, a favor da devolução das terras aos camponeses. Depois de W. Wilson, as administrações de Harding (1921-1925), Coolidge (1925-1929) e Hoover (1929-1933) mantêm a política intervencionista, directa nas sub-regiões das Caraí-

bas e América Central, e sob forma de pressões e intervenções políticas e económicas indirectas, nalguns países situados a sul das Américas.

Em 1933, a política da Boa Vizinhança de F. D. Roosevelt traduziu-se na retirada das Forças Armadas norte-americanas do Haiti, na anulação da Emenda Platt<sup>1</sup>, em 1934, e em 1938, na nacionalização da indústria petrolífera mexicana, sem grande resistência por parte das autoridades norte-americanas. Entretanto, as quintas-colunas nazistas actuavam um pouco por toda a região. Inicia-se a II Guerra Mundial. Solidários com os EUA, em 1941, a Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Cuba, Panamá e a República Dominicana declaram guerra às três potências do Pacto Tripartido. A estes países juntar-se-ão, sucessivamente, em 1942, o México e o Brasil<sup>2</sup>, em 1943, a Bolívia e a Colômbia, e por último, entre Fevereiro e Março de 1945, o Equador, Paraguai, Peru, Chile, Venezuela, Argentina e o Uruguai.

### O pós-II GM e a institucionalização do sistema interamericano

A II Guerra Mundial teve um efeito estimulante no desenvolvimento económico dos Estados latino-americanos, e naturalmente no fortalecimento de alguns sectores das suas respectivas sociedades, assim como a emergência de certos nacionalismos. Neste contexto inserem-se a Revolução Militar Argentina de 1943, o golpe boliviano de Gualberto Villarroel, na Guatemala, em 1944, e em 1945, o golpe de Estado contra o presidente Isaías Medina Angarita, na Venezuela.

De 21 Fevereiro a 8 Março de 1945 realiza-se a Conferência Interamericana Extraordinária sobre os Problemas da Guerra e da Paz no México, no Palácio de Chapultepec. O Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) é assinado em 1947, e um ano depois é criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), sentando as bases jurídicas e institucionais do “sistema interamericano”.

### Da revolução à exclusão de Cuba do sistema interamericano

A ditadura opressiva e corrupta de Fulgencio Batista gerara o repúdio de todas as classes da sociedade cubana. Uma única frente é constituída pelos diversos grupos em luta contra o ditador, incluindo o Movimento 26 de Julho, de Fidel Castro. Desde a Venezuela e a Costa Rica chega ajuda militar para os rebeldes.

Em 1958, as forças revolucionárias de Cuba – com apenas 1.500 homens – conseguem abrir quatro frentes, comandados por Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Raul Castro e Camilo Cienfuegos. A situação torna-se insustentável para o gover-

no e Batista abandona a ilha em 1 de Janeiro de 1959. Fidel Castro entra triunfante em Havana.

A Reforma Agrária implementada em Cuba, a partir de 1959, afectou os interesses dos proprietários das terras, a maioria norte-americanos. As disputas sobre as expropriações agrícolas conduziram à deterioração das relações entre Cuba e os EUA.

O incidente do desembarque de paramilitares anticomunistas em playa Girón (baía dos Porcos), em Abril de 1961, treinados, equipados e orientados pela Agência Central de Inteligência (CIA), com a intenção de derrubar o governo revolucionário, coloca Cuba, de forma definitiva, no campo dirigido pela ex-URSS.

“ [...] as ameaças não tradicionais à paz e à segurança, na forma de violência urbana, tornaram a região uma das menos seguras do mundo.

”

Durante o ano de 1962, o governo soviético concebe a ideia de instalar bases para mísseis nucleares na ilha caribenha. Perante aquilo que considerava ser uma ameaça directa à segurança dos EUA, o presidente John F. Kennedy ameaça invadir ou bombardear o território cubano. À beira de um holocausto nuclear, as duas superpotências resolvem a crise através da negociação directa: a ex-URSS promete retirar os mísseis, e os EUA comprometem-se a não empreender novas tentativas de invasão à ilha.

O órgão de consulta interamericano, convocado com base no TIAR, impôs ao regime cubano severas sanções político-diplomáticas e económicas. O governo de Fidel Castro reage seguindo uma estratégia de estímulo e/ou de ajuda directa aos movimentos revolucionários da América Latina e de outras partes do mundo.

### Emergência dos nacionalismos Latino-Americanos

Com a morte «quixotesca» do Che Guevara, em finais de 1967, acaba uma etapa da luta revolucionária latino-americana. Coincidindo com o reconhecimento de que a polarização extrema não serviria os interesses da revolução, vão surgindo novas formas de reivindicação nacionalistas, visando a transformação social dos seus respectivos países. Neste contexto inserem-se os governos de Juan Vicente Alvarado, no Peru, de Omar Torrijos, no Panamá, e dos generais Ovando e J. J. Torres, na Bolívia. No Chile, pela primeira

### O IMPACTO DOS IDEAIS DA REVOLUÇÃO MEXICANA

A carga simbólica e ideológica da Revolução Mexicana teve um enorme impacto na América Latina e Caraíbas. O Movimento de Augusto César Sandino na Nicarágua, o movimento liberal na Colômbia, e os estudantes que, em 1928, manifestaram-se contra a ditadura de Juan Vicente Gómez, na Venezuela, foram fortemente influenciados pelos seus ideais.

Em 1924, o dirigente da esquerda peruana Victor Raúl Haya de la Torre tentará converter as lições da Revolução Mexicana numa doutrina social-democrata anti-imperialista. O programa da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) de Haya de la Torre defendia a nacionalização das terras e da indústria, a internacionalização do Canal do Panamá e a solidariedade de todos os povos oprimidos.

vez, uma aliança de esquerda, liderada pelo carismático Salvador Allende, chega ao poder através de um processo eleitoral. A corrente nacionalista de esquerda estendeu-se também à Argentina com a eleição de Héctor Cámpora, candidato do justicialismo.

A conjuntura económica e política dos anos de 1970, marcada a nível internacional, pela crise dos preços do petróleo, e no plano interno, pelo escândalo do Watergate, conduziram ao endurecimento da política dos EUA perante a insurgência nacionalista na América Latina. Neste contexto inserem-se os golpes de estado, em 1973, contra os presidentes Bordaberry, no Uruguai, e Salvador Allende, no Chile.

Perante a constelação de ditaduras na Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia e o Brasil, mais a norte do subcontinente desenvolvem-se ao mesmo tempo processos que, do ponto de vista político, afirmam-se como alternativas democráticas, no México e na Venezuela.

Na América Central, depois da invasão do território da Guatemala, em 1954, por forças rebeldes que conduziram à queda do presidente Jacobo Arbenz, o istmo centro-americano, com a excepção da Costa Rica, permaneceu sob o controlo das oligarquias terratenentes aliadas das empresas transnacionais, como a United Fruit.

Na Nicarágua, o assassinato do editor liberal Pedro Joaquín Chamorro, em Janeiro de 1978, desencadeou um processo revolucionário de libertação. A Frente Sandinista de Libertação Nacional, contando com a ajuda de governos

### AS CONTROVÉRSIAS PELA DELIMITAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

A sul das Américas, entre 1920-1932, produziram-se diversos conflitos, de carácter interno e interestadual, que obedeciam sobretudo às velhas controvérsias pela delimitação fronteiriça, entre o Peru e o Equador, a Venezuela e a Colômbia, a Argentina e o Chile, o Chile e o Peru, o Chile e a Bolívia.

No ano de 1932 dois conflitos territoriais latino-americanos atraíram a atenção internacional: a guerra entre colombianos e peruanos pelo território de Letícia, e a Guerra do Chaco, entre bolivianos e paraguaios. Ambos os conflitos foram resolvidos em 1934 e 1935, respectivamente, graças à mediação da Sociedade de Nações, e particularmente, dos EUA.

Em 1941, inicia-se um confronto bélico entre o Peru e o Equador. O Peru vence a guerra e consegue anexar 200.000 Km<sup>2</sup> de selva. O Equador perde direitos históricos sobre uma parte da Amazônia e os seus recursos. Em 1995, estes dois países protagonizaram mais uma vez um conflito armado, o último a produzir-se na região. Pela via da negociação directa, em 1998, peruanos e equatorianos resolveram as suas controvérsias fronteiriças. Mais recentemente, uma velha controvérsia territorial entre o Chile e o Peru ficou resolvida por decisão do Tribunal Internacional de Haia. A tendência é, pois, para que as tensões e as controvérsias territoriais e fronteiriças entre os distintos países latino-americanos sejam resolvidas por meios pacíficos.

democráticos como o da Venezuela, avançou na luta armada contra a ditadura de Anastasio Somoza Debayle, membro de uma família que detinha o poder no país centro-americano desde 1936.

Outra situação revolucionária ocorre em finais de 1979, em El Salvador, após o derrube da ditadura do general Carlos Humberto Romero, e na Guatemala, onde se desenvolveram violentos confrontos entre o exército nacional e uma frente constituída principalmente por diversos movimentos de esquerda, conhecida como União Revolucionária Nacional Guatemalteca.

Durante toda a década de 1980, as Caraíbas e a América Central transformaram-se em zonas de conflito. Em ambas as sub-regiões aparecem movimentos radicais de libertação nacional em armas contra regímenes autoritários e oligárquicos. Estes conflitos ultrapassaram o limite subregional e regional para se inserirem no quadro mundial da guerra entre as superpotências. Na Nicarágua foi constituída a Frente Armada dos Contra-revolucionários ou “contras”, com assistência militar do governo dos EUA, para lutar contra o regime sandinista, implantado logo após a queda de Somoza, em Julho de 1979.

Em Janeiro de 1983, quatro países latino-americanos, a Colômbia, a Venezuela, o México e o Panamá (Grupo Contadora), contando com o apoio de vários governos europeus, acordaram unir os seus esforços para promover a paz na América Central e evitar uma nova intervenção dos EUA.

Dão-se grandes avanços nas negociações que conduziram ao fim da guerra na região Centro-América, mas as democracias latino-americanas não conseguem evitar duas intervenções militares dos EUA na região, uma na ilha de Granada, em Outubro de 1983, a outra no Panamá, em 1989.

### Fim da Guerra Fria e o aparecimento de novas ameaças à paz

Com o fim da Guerra Fria, é evidente que a América Latina e as Caraíbas perderam a sua anterior relevância estratégica, sobretudo para os EUA, e os temas de segurança tradicionalmente associados a estas diluíram-se na agenda regional para ser substituídos por assuntos, considerados por alguns de menor alcance estratégico global, como o controlo do narcotráfico, dos fluxos migratórios, assim como as ameaças ambientais.

O retorno à democracia na região tornou possível importantes avanços no caminho para a concertação e cooperação regional e às transições negociadas dos conflitos político-militares. Não obstante, no século XXI, a tentativa de golpe contra Hugo Chávez<sup>3</sup>, na Venezuela, o golpe militar contra Manuel Zelaya, nas Honduras, e mais recentemente a destituição do presidente Fernando Lugo, no Paraguai constituem claras resistências a todo este processo que podem vir a ser replicadas no contexto de outras sociedades fortemente polarizadas. Na II Cimeira da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), realizada entre 28 e 29 de Janeiro de 2014, em Havana, os líderes dos trinta e três países da América Latina e Caraíbas chegaram a um acordo sobre vários temas, entre os quais podemos destacar a procla-

## A GUERRA DAS MALVINAS

Na Argentina, em Dezembro de 1981, o general Leopoldo Galtieri assume a presidência sendo comandante em chefe das Forças Armadas. Galtieri tivera de enfrentar protestos nas ruas, greves e uma oposição sindical cada vez mais forte. Em 26 de Março de 1982, o governo militar decide invadir às ilhas Malvinas, reclamadas pelos argentinos desde a sua independência, em 1816.<sup>1</sup> O tema da soberania sobre a ilha converteu-se no factor excludente para uma solução negociada. A guerra entre argentinos e ingleses começou no dia 2 de Abril, durou pouco mais de dois meses, e matou quase mil pessoas, a maioria soldados argentinos. O conflito de 1982 não alterou a natureza da controvérsia de soberania entre a Argentina e o Reino Unido. Desde 1989 até hoje, o exame da Questão das Malvinas está radicado no Comité Especial de Descolonização e figura, desde 2004, na agenda permanente da Assembleia Geral das Nações Unidas.

<sup>1</sup> Os antecedentes do conflito remontam ao século XVIII.

mação da região como uma zona de paz. Verifica-se contudo que a violência metamorfoseia-se no sub-continente e as ameaças não tradicionais à paz e à segurança, na forma de violência urbana, tornaram a região uma das menos seguras do mundo.

Entre 2000 e 2010 na América Latina registaram-se mais de um milhão de assassinatos. O aumento da violência ocorre ao mesmo tempo que a região experimenta o período de maior crescimento económico dos últimos quarenta anos.

O Relatório Regional do Desenvolvimento Humano “Cidadania com Rosto Humano: Diagnósticos e propostas para a América Latina”, de Novembro de 2013, dá-nos conta das profundas transformações demográficas sofridas (crescimento urbano acelerado e caótico, das transformações no sistema familiar, e dos problemas e falhas no sistema educativo), do aumento da posse de armas, alcoolismo e tráfico de drogas.<sup>4</sup> Todas estas variáveis junto à corrupção e à impunidade que persistem nalguns dos sistemas políticos, institucionais e jurídicos destes países, mostram-nos uma zona do mundo ainda bastante vulnerável às distintas e mais variadas formas de violência. ■

### Notas

<sup>1</sup> A Emenda à Constituição cubana (1903) ou Emenda Platt consagrava o direito dos EUA a intervirem na ilha sempre que unilateralmente o considerassem necessário, a fim de preservar a ordem e a independência da ilha.

<sup>2</sup> Note-se que o Brasil foi o único país latino-americano que participou activamente no combate, entre 1943 e 1944.

<sup>3</sup> Na Venezuela, desde Fevereiro deste ano, uma série de protestos contra o sucessor de Hugo Chávez, o presidente eleito Nicolás Maduro, tem submergido aquele país no caos e na violência até aos dias de hoje.

<sup>4</sup> PNUD — “Cidadania com Rosto Humano: Diagnósticos e propostas para a América Latina”.

### Referências

BOERSNER, Demetrio (1996) — *Relaciones Internacionales de América Latina*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad. ISBN 980-317-092-9.

PNUD — “Cidadania com Rosto Humano: Diagnósticos e propostas para a América Latina”. Novembro de 2013. Disponível em <http://bit.ly/1ioVlQL>.